

Gêneros do discurso e gramática no ensino de língua materna

Norma Seltzer Goldstein*

Resumo

Quando o processo escolar de ensino de língua materna baseia-se no trabalho com os gêneros do discurso – levando em conta as condições de produção –, além da leitura e da escrita, também a gramática tem muito a ganhar. A escolha do que se vai dizer, para quem, com qual finalidade, passa pelo questionamento sobre “como fazê-lo”. Resulta daí a busca de recursos gramaticais a serem empregados em função das intenções do enunciador e dos efeitos de sentido que ele deseja produzir no texto. Dessa forma, o ensino da gramática resulta operacional e permite que seja compreendido seu papel na formação de leitores e redatores competentes, levando os alunos a pesquisar e a refletir sobre os usos da língua. Comentam-se aqui algumas atividades desse tipo, inspiradas em aplicações realizadas nos três níveis de ensino – fundamental, médio e superior –, relacionadas ao uso das formas verbais.

Palavras-chave: Gêneros e ensino de gramática; Recursos gramaticais e efeitos de sentido; Formas verbais e gêneros do discurso.

Apresentação da proposta

As estratégias de leitura e produção textual aplicadas por docentes que se apóiam em gêneros textuais têm sido comentadas e relatadas em palestras e ensaios, ao longo dos últimos anos. Pouco se tem publicado, no entanto, sobre o ensino de gramática, nos casos em que se trabalha nessa mesma linha.

Quando se tem de escolher o que dizer, para quem, com qual finalidade, é preciso também refletir sobre o “modo de dizer”, abrindo-se, assim, várias possibilidades tanto para exercitar o uso dos recursos gramaticais quanto para refletir sobre esse uso. Dados os limites deste espaço, seleciono alguns exemplos para ilustrar como essa proposta permite um trabalho operacional no ensino de gramática.

São necessários dois esclarecimentos prévios. O primeiro refere-se ao que

* Universidade de São Paulo – USP.

já é consenso: a aprendizagem contextualizada. Se aqui são tomados exemplos isolados, deve ficar claro que se trata de um conjunto de comentários pontuais, ilustrando alguns aspectos da reflexão sobre o tema. Fica implícita a certeza de que, em contexto escolar, o processo deve sempre ser contextualizado.

O segundo remete à ausência, neste texto, de uma síntese da fundamentação teórica que embasa as atividades comentadas. Evidentemente, o professor terá de recorrer a conceitos de linguística e de análise do discurso, assim como a manuais de gramática e de estilística. Ele terá de levar em conta as “várias gramáticas” – internalizada, descritiva e normativa – durante a preparação do curso e também durante sua realização. Deve-se explicitar que os exemplos aqui comentados voltam-se para os efeitos de sentido que os recursos linguísticos imprimem ao texto. As classificações metalinguísticas não são protagonistas, mas coadjuvantes do processo. O eixo da proposta é centrado no uso da língua e na utilização dos recursos gramaticais, em função do que vai ser dito e do modo como isso deve ser feito.

Tempos verbais em diversos tipos de texto

Um dos aspectos trabalhados em algumas aplicações recentes tem sido o uso dos tempos verbais, a partir de seu papel específico em determinados tipos de textos. Não seria possível retomar essas aplicações de forma minuciosa. Limito-me a comentar exemplos extraídos de textos do mesmo gênero daqueles utilizados nas aplicações para ilustrar parcialmente algumas das atividades realizadas em classe.

Seria quase desnecessário dizer que essas atividades devem ser precedidas, por parte do professor que vai aplicá-las, de revisão sobre uma série de questões como: a) as classes de vocábulos, segundo Mattoso Camara Júnior (1973), contrapondo o caráter estático dos nomes ao caráter dinâmico dos verbos; b) a diferença entre os modos verbais: indicativo – o da realidade – e subjuntivo – o da hipótese –; o uso das formas pessoais e impessoais do verbo, e o efeito estilístico da variação dos tempos verbais no interior de um mesmo texto, conforme Rodrigues Lapa (1965) e Martins (1989), teóricos da estilística; c) os índices do enunciador perceptíveis na desinência verbal e o efeito de sentido do uso da forma verbal remetendo ao “mundo narrado” ou ao “mundo comentado”, como postula Weinrich *apud* Koch (1987).

Além disso, o professor deve propor a análise de vários textos do gênero a ser estudado, levando os alunos a reconhecer suas características e marcas linguísticas.

Em certo momento, é útil deter-se na análise das formas verbais, observando o aspecto formal – desinência, pessoa, tempo, modo – e, sobretudo, os efeitos de sentido decorrentes dessas escolhas. Certos usos são recorrentes em determinados tipos de texto. Essa identificação pode auxiliar o aluno a utilizar o mesmo recurso nas próprias produções.

Em complementação à análise e aos comentários ocorridos durante o momento da leitura, da escrita ou da reescrita das produções discentes, seria válido ampliar a reflexão, durante uma ou duas aulas intercaladas à sequência didática em desenvolvimento, propondo atividades de reconhecimento e exercitação das conjugações verbais dos tempos e modos em estudo, com consulta a manuais de gramática para sistematizar esse conhecimento. Voltamos a insistir: esta atividade não é central, mas complementar.

Notícia e reportagem

Em diferentes níveis de ensino, pode-se ler e produzir notícias e reportagens, destacando-se sua organização composicional e suas marcas linguísticas, dentre elas, o emprego das formas verbais no presente do indicativo, como ilustra o exemplo:

A crise atual “decorre” de uma combinação de causas: colheitas ruins, especulação de preços, aumento excepcional do barril de petróleo e a explosão dos biocombustíveis. Mas o que “ajudará” a perpetuar o problema “é” o aumento do consumo de alimentos na China e na Índia, as locomotivas asiáticas que, juntas, “têm” mais de um terço da população mundial. (Veja, 2008, p. 73-74 – grifos nossos)

A passagem a respeito da crise mundial de alimentos apresenta quatro formas verbais, uma no futuro – ajudará –, as outras no presente – decorre, é, têm. Ao ler e comentar esse emprego com os alunos, deve-se levá-los a perceber qual efeito de sentido ele produz, questionando: “por que o autor da reportagem escolheu o presente do indicativo como forma verbal predominante?”. Dentre outras respostas – que dependem também da compreensão do texto em seu conjunto –, uma das mais prováveis seria: o presente do indicativo leva o leitor a sentir-se próximo do acontecimento relatado.

A reportagem pode retomar fatos anteriores aos que estão sendo tratados como tema principal e, nesse momento, os verbos virão empregados em tempos do “pretérito”, como em outro trecho da mesma matéria:

Num instituto de pesquisa do México, “desenvolveu”-se um milho capaz de “resistir” à seca da África e um trigo que “sobrevive” às pragas do sul da Ásia. Mas nunca “apareceu” dinheiro para que essas variedades “chegassem” às mãos dos pobres. (Veja, 29 de maio de 2008, p. 75 – grifos nossos)

No segundo exemplo, aparecem cinco formas verbais. Nas orações principais, elas são empregadas no pretérito perfeito do indicativo: desenvolveu; apareceu. Na descrição da característica permanente do novo tipo de trigo é usado o presente do indicativo: sobrevive. Na oração subordinada que remete à hipótese de uma finalidade que ainda não foi atingida vem o pretérito imperfeito do subjuntivo: chegassem.

Em outros trechos, a reportagem pode aludir a fatos futuros: “Se cada chinês ‘comer’ um frango a mais, dentro de cinco anos ‘explodirá’ o mercado de milho, a razão básica da ave...” (Veja, 2008, p. 74 – grifos nossos)

Nesse exemplo, há duas formas verbais no futuro: a do modo subjuntivo indica hipótese; a do indicativo aponta a realidade entrevista num horizonte próximo.

Verificados esses empregos e seus consequentes efeitos de sentido, em notícias e reportagens lidas, será a vez de os alunos representarem o papel de repórteres, sempre atentos ao emprego da forma verbal, usada predominantemente no presente, com algumas variações pontuais, dependendo do tema e da extensão do texto.

No processo de escrita e reescrita dos textos discentes, novos comentários devem ser feitos, retomando-se as formas verbais empregadas pelos alunos e analisando-se sua adequação ao modo como o texto se propõe a dizer aquilo que tem a dizer.

As manchetes não podem ser deixadas de lado. Sua análise revela a predominância de nomes ou a mescla de nomes e verbos, sugerindo, respectivamente, estaticidade ou dinamismo. Eis alguns exemplos com predomínio nominal: “Uma lição para o governo” (UMA..., 2008); “Mordomia a bordo” (MORDOMIA..., 2008); “Vôlei feminino perto de final histórica” (VÔLEI..., 2008). Nos três casos, impera a ausência de verbos, resultando em indicação de situação permanente, duradoura.

O efeito é oposto quando há verbos nas manchetes propondo ação, mudança, movimento dinâmico: “Câmara ‘aprova’ lei que torna a adoção mais rápida” (CÂMARA..., 2008); “STF ‘veta’ nepotismo nos três poderes” (STF..., 2008); “Mulheres ‘vão’ à luta por ouro e mais respeito no futebol” (MULHERES..., 2008). Há também outra diferença: nesse caso aponta-se o sujeito da ação, ao contrário dos exemplos anteriores.

Narrativa de ficção

Na narrativa ficcional é diverso o modo de utilização das formas verbais. O conto “Cem anos de perdão”, de Clarice Lispector, ilustra como isso ocorre. Dentre diversos recursos expressivos, o uso dos tempos verbais é um dos que mais contribuem para o sentido do texto. Nele, uma narradora-adulta relembra episódio vivido por ela como protagonista-menina, ao longo de treze parágrafos organizados em três momentos.

O primeiro momento estende-se pelos cinco primeiros parágrafos, em que a narradora conta que, quando menina, ela e uma amiga brincavam de “essa casa é minha”, admirando palacetes em Recife, na “rua dos ricos”. Um dia pararam diante de uma casa enorme. No fundo, via-se o imenso pomar, e, à frente, em canteiros bem ajardinados, estavam plantadas flores. Dentre elas, uma rosa, com que a menina se encanta tanto que tem o impulso de roubá-la, o que consegue fazer com rapidez, pois sua silhueta esguia passa facilmente pelo portão entreaberto.

Nesses cinco parágrafos iniciais, as formas verbais aparecem no “pretérito perfeito” e “imperfeito do indicativo”, com exceção do curto diálogo entre as garotas, que traz verbos no presente. Alguns exemplos:

Eu e uma amiguinha “brincávamos de decidir” a quem pertenciam os palacetes; “Começou” assim; “Fiquei” feito boba olhando com admiração aquela rosa...; E então “aconteceu”: do fundo do meu coração, eu “queria” aquela rosa para mim. Então não “pude” mais. O plano se “formou” em mim... (LISPECTOR *et al*, 1984 – grifos nossos)

No parágrafo central do conto, o de número seis, dá-se a posse da rosa. É o clímax da narrativa, instante fugaz de emoção intensa em que a adulta e a menina se fundem numa só personagem, o que é expresso pelo emprego do “presente do indicativo”. Esse tempo verbal apaga o distanciamento mantido pela narradora-adulta nos parágrafos anteriores, reaproximando-a da experiência passada: “Eis-me afinal diante dela. ‘Paro’ um instante (...) de perto ela ‘é’ ainda mais linda (...) ‘começo’ a lhe ‘quebrar’ o talo (...)” (LISPECTOR *et al*, 1984, p. 15 – grifos nossos)

Na sequência, no final do parágrafo sete, menina e flor identificam-se, explicitadas na expressão “eu e a rosa”, implícitas no pronome sujeito “nós” e nas formas verbais na primeira pessoa do plural: “E então ‘nós’ duas, pálidas, eu e a rosa, ‘corremos’ literalmente para longe da casa”. (LISPECTOR, 1984, p. 16 – grifos nossos)

Após o parágrafo central em que se situa o clímax – cujas formas verbais estão no presente do indicativo – no trecho que vai do sétimo ao penúltimo parágrafo, voltam a predominar as formas verbais no “pretérito perfeito” e “imperfeito do indicativo”, tornando a se instalar o distanciamento entre a narradora-adulta e a protagonista-menina: “‘Levei’-a para casa (...) ‘Foi’ tão bom que simplesmente ‘passei’ a roubar rosas. (...) também ‘roubava’ pitangas.” (LISPECTOR *et al*, 1984, p. 16 – grifos nossos)

No último parágrafo prevalece o emprego do “presente do indicativo”. De modo circular, a narradora adulta justifica, no final, os “cem anos de perdão” anunciados no título, ao mesmo tempo que assume os roubos cometidos na infância: “não me arrependo: ladrão de rosas e pitangas ‘tem’ cem anos de perdão” (LISPECTOR *et al*, 1984, p.16 – grifos nossos). Aqui, o efeito de sentido do presente do indicativo é diverso daquele do parágrafo central. Lá fundiam-se a adulta e a menina no clímax da narrativa e o papel da forma verbal era de aproximar duas épocas. Esse recurso também envolve o leitor com a narrativa, pelo efeito de sentido resultante do emprego das formas verbais, associado ao estilo elaborado do conto.

Já no parágrafo final trata-se do presente histórico que afirma uma verdade permanente. A menina que cresceu reavalia o passado e, indiretamente, sugere que o leitor reflita sobre aquela experiência e o alcance da afirmação: ladrões de flores e frutas mereceriam efetivamente “cem anos de perdão”?

Dada a impossibilidade de analisar o conto em profundidade, neste espaço, cabe salientar que o roubo, neste caso, seria defensável por ser fruto de um impulso inocente, sinalizador de um instante de intensa fruição estética. Feita essa constatação, e não havendo ninguém seriamente prejudicado, é provável que os leitores deste artigo, como os do conto, também concordem com os “cem anos de perdão”.

A análise de um texto literário assim elaborado, com um jogo verbal como suporte dos sentidos sugeridos pela narrativa, permite que os alunos transfiram para outras leituras do mesmo gênero a busca pelos efeitos de sentido decorrentes do uso das formas verbais e que, em seguida, apliquem esse recurso na criação das próprias narrativas.

Propaganda

Os três trechos que se seguem foram extraídos de textos publicitários. Observem-se as formas verbais assinaladas:

I) “Acesse” o site www.eda3m.com.br e “veja” tudo o que a 3M inventou para sua vida ficar melhor... (ACESSE..., 2008);

II) “Acesse” o nosso portal e “saiba” onde ir, como chegar e onde se hospedar... www.saojoabahia.com.br (ACESSE..., 2008);

III) “Participe” e “dê” um lance de esperança neste Natal” (PARTICIPE..., 1999)

Esses exemplos fazem parte de três textos com apelo publicitário, o primeiro da empresa 3M, o segundo da festa de São João no Estado da Bahia e o terceiro do 4º Leilão de Arte pelo Natal da Criança, de Belo Horizonte. Neles, como em muitos outros textos similares, o apelo para que o leitor se interesse pelo que está sendo anunciado é acentuado pelo emprego de formas verbais no modo “imperativo”, indicando pedido, convite, tentativa de convencer.

Há outras formas de elaborar peças publicitárias. O gênero apresenta múltiplas facetas. A que exemplificamos é uma delas, bastante recorrente nesse gênero. Pensamos que o exame dela permite um trabalho com o modo imperativo, de maneira a evidenciar aos alunos que esse estudo faz sentido, já que essa forma verbal é um dos elementos que “vende” produtos, ideias ou projetos.

A leitura e a análise de algumas peças publicitárias podem conduzir os alunos a elaborar outras do mesmo gênero para divulgar eventos do colégio ou do bairro em que estudam. Nesse percurso, é viável abrir um espaço para o estudo do modo imperativo, tanto no sentido gramatical, visando a mostrar sua formação e exercitar sua conjugação, quanto no de explicitar seu efeito de sentido e seu importante papel no apelo ao leitor.

Textos que ensinam como fazer

Há um conjunto de textos que ensinam como fazer, por exemplo: receitas, regras de jogo, leis e códigos, manuais de instruções de uso de objetos e aparelhos. Nesses textos, há um modo especial de usar os tempos verbais.

Acompanhe algumas das regras que ensinam “Como fazer pipa”, observando as formas verbais sublinhadas:

Como fazer uma pipa

(...)

3) “Prepare” o papel da forma que quiser. Pode ser em tiras coladas umas às outras. O papel final deve ter a forma de um retângulo um pouco maior que a estrutura da pipa.

- 4) “Passe” cola nas varetas e “coloque” a estrutura sobre o verso do papel. (...) Quando estiver colado, “recorte” em toda a volta...
- 5) “Passe” cola nas margens excedentes e “dobre”-as sobre as linhas do contorno e sobre a vareta da parte superior(...). (COMO..., 1998)

Nesse exemplo, dentre outras formas verbais, são empregadas algumas no “modo imperativo”: prepare; passe – duas ocorrências –; coloque; recorte; dobre. É importante debater com os alunos os efeitos de sentido, no caso das regras e instruções, comparando-os àqueles dos textos publicitários, para verificar se há semelhanças e diferenças.

Outro modo de indicar instruções é o uso do “infinitivo impessoal” do verbo, no lugar do “imperativo”, como se vê num antigo livro de receitas:

Moquecas de carne de vaca

“Cortar” a carne em fatias e “temperar” com sal, pimenta e vinagre. “Embrulhar” as fatias em folhas de bananeira, de modo que a carne não apanhe as cinzas. “Cozinhar” no borralho quente. A carne deve ficar debaixo das cinzas três a quatro horas, renovando-se de vez em quando o borralho. (QUARESMA, 1965)

Na receita antiga, as formas verbais aparecem no “infinitivo impessoal”: cortar, temperar, embrulhar, cozinhar. Apesar de ser extraída de livro antigo e de indicar um processo de preparação que não seria adequado aos tempos atuais, a linguagem da receita não se encontra muito distanciada da que se usa nas receitas de hoje em dia.

O “infinitivo impessoal” vem empregado de modo parecido na Constituição Brasileira, de que se transcreve o terceiro artigo:

Art. 3º. Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:
I- “construir” uma sociedade livre, justa e solidária;
II- “garantir” o desenvolvimento nacional;
III- “erradicar” a pobreza e a marginalização e “reduzir” as desigualdades sociais e regionais;
IV- “promover” o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, cor, idade e quaisquer formas de discriminação. (BRASIL, 2009, p. 5)

O conjunto de regras vem expresso por meio da forma verbal no “infinitivo impessoal” que teria quase a mesma função que o imperativo – indicar, ordenar,

orientar –, com nuances de significação. Os alunos devem ser levados a observar esse aspecto. Pelo fato de ser impessoal, o “infinitivo” cria um distanciamento e um tom mais genérico ou impessoal. Já o “imperativo”, sendo um tempo conjugado, com uma desinência específica para cada pessoa, resulta num direcionamento da ordem, assumindo um tom mais envolvente ou, em certos casos, mais autoritário.

Além disso, o caráter impessoal do infinitivo remete ao caráter nominal dessa forma verbal. Note-se que poderia haver a substituição, no início de cada artigo da constituição, dos verbos que os iniciam – construir, garantir, erradicar, promover, respectivamente –, pelos substantivos abstratos construção, garantia, erradicação, promoção.

Uma consulta a manuais de gramática provavelmente resulte na constatação de que esses manuais sugerem a equivalência entre os dois modos verbais, podendo o imperativo ser substituído pelo infinitivo e vice-versa. O exame minucioso dos efeitos de sentido de cada um dos exemplos, no entanto, remete à percepção de pequenas diferenças, como ensinam os manuais de estilística. Ainda que uma forma possa – gramaticalmente – ser usada pela outra, o efeito de sentido apresenta uma nuance mais personalizada e dinâmica, no caso do imperativo; e, diversamente, mais genérica e estática, no uso do infinitivo impessoal.

Ao se tornarem produtores de textos – deste ou de outros gêneros –, os alunos devem decidir sobre o posicionamento a assumir para expressarem, como autores, um ponto de vista. A escolha da forma verbal adequada é um recurso importante, funcionando como índice de um estilo e de um ponto de vista sobre os dados da realidade.

Textos didáticos

Os textos didáticos têm como finalidade a transmissão de conhecimentos. Sendo assim, assumem um tom neutro, distanciado, geralmente empregando o verbo na 3ª pessoa do singular ou do plural. O sujeito desses verbos costuma ser o fato – ou os fatos – a respeito do qual se transmitem conhecimentos, observações, reflexões. É muito frequente o emprego da forma verbal seguida de “-se”, num processo de indeterminação do sujeito ou de emprego da voz passiva pronominal. Também a passiva analítica é frequente nesses textos. O exemplo ilustra os efeitos de sentido dessas construções:

Em resumo, toda identidade nacional é uma representação, no sentido de que “não se trata nunca de” um simples xerox da realidade, portanto não “se restituem” os dados materiais em sua

integralidade; ao contrário, os elementos representados “são” sempre “selecionados, transformados ou distorcidos”. Com a ressalva de que uma representação da realidade social não “deve ser vista” como única, nem mimética, mas como existente em meio a uma pluralidade de outras interpretações e discursos. Existe uma multiplicidade de representações da identidade nacional – que podem estar tanto no carnaval, como num mapa demográfico, numa parada militar, no sistema jurídico, num romance e assim por diante. (GOLDSTEIN, 2004 – grifos nossos)

A primeira forma verbal da passagem, “não se trata nunca de” é um dos processos de indeterminação do sujeito. Alguém pratica a ação, mas não se diz quem. O termo “simples xérox da realidade” é objeto indireto do verbo “tratar”. Essa construção permite omitir o agente da ação, indicando apenas seu objeto.

Em seguida, vem outra forma verbal no presente do indicativo, agora na voz passiva sintética: “não se restituem os dados” que seria equivalente a “os dados não são restituídos”, em que o sujeito é paciente – “os dados” – e, mais uma vez, é omitido o agente da ação.

Em terceiro lugar vem a construção composta por locução verbal “não deve ser vista”, outro caso de voz passiva no presente do indicativo, também deixando de apontar o agente da ação.

Os textos didáticos não costumam deixar evidente quem é o autor ou o que ele, individualmente, pensa sobre o tema tratado. Em geral, esses textos sintetizam um apanhado das teorias sobre um tema, de modo organizado e claro, para permitir a aprendizagem do leitor – ou do ouvinte, em palestras e conferências. Por isso o verbo vem no presente do indicativo, na 3ª pessoa verbal e, com frequência, acompanhado de “-se”, ora num processo de indeterminação do sujeito, ora numa voz passiva pronominal. Nos dois casos, ocorre a omissão do agente da ação e, desse modo, o assunto progride ao longo do texto, de modo neutro, didático, científico.

Cabem aqui duas observações. A primeira delas a respeito das características do texto didático, que vão bem além do predomínio das formas verbais aqui apontadas. Tendo a finalidade de transmitir conhecimentos, ele expõe conceitos e traz explicações, empregando léxico próprio da área em que se situa o tema tratado. No caso da passagem acima, da área de antropologia, esse aspecto é ilustrado por termos como identidade, representação, realidade social etc. É importante enfatizar que, tanto no caso do texto didático como nos demais gêneros, o verbo se associa sempre às demais características próprias desse gênero para criar efeitos de sentido.

A segunda remete à questão da consulta aos manuais de gramática, a ser feita em função do nível dos alunos, a critério do professor responsável. Seria operacional observar uma série de exemplos, para estudar ou revisar algumas noções gramaticais relativas às construções que possibilitam a omissão do agente da ação. Aponto esquematicamente as seguintes:

- a) é preciso saber identificar o tipo de verbo, pois apenas os verbos transitivos diretos permitem o emprego da voz passiva;
- b) há duas formas de construção da voz passiva, a analítica e a sintética ou pronominal;
- c) também há duas maneiras de indicar a indeterminação do sujeito: uma delas, pelo uso de verbos intransitivos ou transitivos indiretos com “-se” na 3ª pessoa do singular – fala-se de, conta-se com, insiste-se em, obedece-se a, luta-se por, corre-se na praia, bebe-se muita água no verão etc –; a outra decorre do emprego da forma verbal na 3ª pessoa do plural. Exemplos: fala-se muito de Macunaíma ou falam muito de Macunaíma; telefonaram para você; informaram um atraso de duas horas.

O importante é que se deixe evidente que essas construções permitem omitir o sujeito da ação e proporcionam ao texto um tom distanciado, em que o autor – enunciador – fica em posição discreta, concedendo o destaque ao tema tratado, apresentado pela 3ª pessoa verbal.

Crônica

A crônica é um gênero que transita entre a ficção e a realidade. Geralmente o autor parte de um fato real, observado por ele, para tecer considerações e reflexões, ampliando o alcance de seu texto para a esfera da ficção e da fantasia ou, em certos casos, da conversa imaginária com o leitor, convidado a ponderar sobre as questões apresentadas.

Esse gênero é particularmente cultivado no Brasil há bastante tempo, por exemplo, por Machado de Assis e Olavo Bilac. São deste último os trechos abaixo, que ilustram como ocorre a oscilação de pessoa verbal no gênero: da 3ª para a 1ª e, por vezes, também para a 2ª, quando o cronista dialoga com seus leitores. Se o pronome não vem expresso, a desinência verbal é a pista para o leitor localizar quem exerce o papel de sujeito do verbo. Observem-se as formas assinaladas:

“Eu” não “sou” político e nem “me sinto” com vocação para o ofício de salvador da pátria. “Sou” um fantasista – mais nada. E um fantasista serve apenas para enfeitar as colunas de um jornal (...) Para ser político é preciso antes de tudo ter força de saber mentir e transigir. Diante do eleitorado, que “poderia eu dizer?” (...) Não “nasci” para a política nem a política foi inventada por “mim”. Bem “sei” que ela me receberia, como receberia um boticário ou um taverneiro ou um cambista; mas “eu entraria” nela com a “minha” febre, com o “meu” entusiasmo, com a “minha” sinceridade: e essa bagagem faria escândalo lá dentro. (...) (BILAC, 1996, p. 351-352 – grifos nossos)

Ora os termos destacados remetem à 1ª pessoa verbal, ou seja, ao próprio cronista, na forma explicitada por pronomes – eu, me, mim, eu, minha (duas ocorrências), meu – ou de forma implícita na desinência verbal – sou (duas ocorrências), sinto, poderia dizer, nasci, entraria. Ora remetem à 3ª pessoa: foi inventada, receberia (duas ocorrências), faria. A alternância acentua o contraste entre a posição do cronista e a dos políticos de quem ele busca se afastar.

Por vezes, estabelece-se um diálogo com o leitor, às vezes tratado por “tu”, outras vezes tratado cerimoniosamente por “vós” pelo poeta-cronista:

Esse alguém “és tu” que me “lês”; esse alguém sou eu; esse alguém “és tu”, o triste e desgraçado Zé-Povo, que “alimentas” com a “tua” carne e com o “teu” sangue a fúria guerreira daqueles Rolandos¹ de sobrecasaca. (BILAC, 1996, p. 341 – grifos nossos)

“Olhai” aquele sujeito, que vai de rosto magro, pitando melancolicamente um cigarro, com um ar apagado e insignificante de quem não sabe o que está fazendo no mundo... Não “vos” “deixeis” iludir pela aparência nula (...) “Vede” aquele homem calmo, pacato, gordo, vestido com correção e limpeza (...) “Reparai” agora naquele mocinho imberbe, esbelto (...). (BILAC, 1996, p. 127-128 – grifos nossos)

A mobilidade da pessoa verbal ao longo de uma crônica ou em outros gêneros resulta em efeitos estilísticos que se refletem no ritmo do texto, tornando-o mais ágil e dinâmico. Observe-se mais um exemplo de receita culinária. Neste caso, a autora usa a primeira pessoa do singular – em vez do infinitivo ou do imperativo: “‘Fervo’ meio litro de água com sal. ‘Junto’ o arroz e ‘deixo’ cozinhar por vinte minutos. ‘Despejo’ numa peneira, ‘enxáguo’ com água fria e ‘deixo’ escorrer bem. (BRAGA, 1999, p. 10). Essa escolha insere a autora no texto, aproximando-a das

1 - Rolando: herói da literatura medieval francesa, conhecido pela bravura na luta contra os sarracenos.

leitoras que vão executar a receita.

A leitura e a produção de textos pelos alunos devem sempre contemplar a observação do uso das pessoas verbais. A escolha da pessoa verbal pode ser um índice do estilo do autor, uma marca do enunciador e, ainda, uma pista para ampliar a compreensão dos efeitos de sentido do texto.

Finalizo essa reflexão ciente de que ela deve prosseguir e se ampliar muito. Pelas aplicações que tenho acompanhado, posso afirmar que já foi possível perceber que o trabalho com gêneros favorece o estudo da gramática. Além das formas verbais, outros recursos lingüísticos poderiam ser abordados, em função dos efeitos de sentido e de expressividade que produzem nos textos.

Espero ter apontado um caminho operacional que possa ser útil para a atuação profissional de alguns colegas.

Abstract

A teaching process of native language based not only on reading and writing, but also on working with the discourse genres – encompassing the means of production – enhances the learning of grammar as well. The choice of what to be said, to whom, and with which purpose depends upon questioning how to make it. This results in the exploration of the grammatical resources to be used, regarding the speaker's intentions, and the effects of meaning that he/she wants to create in the text. Therefore, the teaching of grammar becomes operational and provides an understanding of its role in the development of competent readers and writers, which encourages students to research and actually think about the uses of language. Various class activities of this type are discussed here, inspired by practical tasks applied within the three school levels – primary, secondary and post-secondary – related to the usage of verbal forms.

Key words: Genres and teaching of grammar; Grammatical resources and effects of meaning; Verbal forms and discourse genres.

Referências

ACESSE o site www.eda3m.com.br e veja tudo o que a 3M inventou para sua vida ficar melhor. **Veja**, 4 de junho de 2008, p. 120.

ACESSE o nosso portal e saiba onde ir, como chegar e onde se hospedar [...] www.saojoabohia.com.br. **Veja**, 4 de junho de 2008, p.171.

A.S.Q. **O cozinheiro e o doceiro popular**. Rio de Janeiro: Editora Quaresma, 1927.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 277-326.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1964.

BILAC, Olavo. **Vossa insolência**: crônicas. (Org.) Antonio Dimas. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

BRAGA, Ana Maria. **Receitas do dia-a-dia**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: http://www.ancine.gov.br/media/Constituicao_Federal_EC53.pdf. Acesso em: 30/09/2009.

CÂMARA aprova lei que torna a adoção mais rápida. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 21 de agosto de 2008, p. A1.

CAMARA JÚNIOR., J. M. Espécies de vocábulo. In: CAMARA JÚNIOR., J. M. **Princípios de linguística geral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1973. cap. 10, p.149-161.

COMO fazer uma pipa. Revista **Jangada Brasil**. Ano I - novembro 1998 - nº 03. Disponível em: www.jangadabrasil.com.br/agosto60/ca600800.htm. Acesso em: 30/09/2009.

CONSTITUIÇÃO 1988: texto constitucional de 5 de outubro de 1988. Brasília: Atual, 1988. Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1988.

CUNHA, Celso Ferreira. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: MEC, 1980.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

PARTICIPE e dê um lance de esperança neste Natal. **Estado de Minas**, 7 de novembro de 1999, p. 48.

GOLDSTEIN, Ilana S. **Notas para reflexão a partir de Macunaíma**. Palestra apresentada no SESC. São Paulo, 2004.

KOCH, Ingedore G. Vilaça. Os gêneros do discurso. In: KOCH, Ingedore G.

Vilaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003. cap. 4, p. 53-60.

KOCH, Ingedore G. Vilaça. Os tempos verbais no discurso. In: KOCH, Ingedore G. Vilaça. **Argumentação e linguagem**. 2. ed São Paulo: Cortez, 1987. cap. 3, p. 37-48.

KOCH, Ingedore G. Vilaça. Tempos verbais. In: KOCH, Ingedore G. Vilaça. **A inter-ação pela linguagem**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1998. cap. 2, p. 51-57.

LAPA, M. Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.

LISPECTOR, Clarice *et al.* **Para gostar de ler**: contos. São Paulo: Ática, 1984. v. 9, p.14-16.

MARTINS, Nilce Sant'anna. **Introdução à estilística**: expressividade na língua portuguesa. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

MORDOMIA a bordo. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 21 de agosto de 2008, p. A1.

MULHERES vão à luta por ouro e mais respeito no futebol. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 21 de agosto de 2008, p. A1.

PETRY, André. Vai ter para todo mundo? **Veja**, São Paulo, n. 2062, p.73-74, 29 mai 2008.

QUARESMA, A. S. **O cozinheiro e doceiro popular**: manual completíssimo da arte de cozinhar e fazer doces. 17. Ed. Rio de Janeiro: Spiker [Borsoi, 1965]

STF veta nepotismo nos três poderes. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 21 de agosto de 2008, p. A1.

UMA lição para o governo. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 21 de agosto de 2008, p. A1.

VÔLEI feminino perto de final histórica. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 21 de agosto de 2008, p. A1.